

# HIGIENISMO RENTÁVEL

Relatora da Organização das Nações Unidas (ONU) para o Direito à Moradia, a professora Raquel Rolnik, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, já havia advertido para a lógica implacável da etapa precursora dos megaeventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, excludente por excelência (“Coisas nada civilizadas ocorrem quando um país prepara um megaevento”, *Revista Adusp* 52, <http://goo.gl/E7KvrN>). Por curiosidade e dever de ofício, fomos conferir o vaticínio da professora em três das capitais brasileiras que sediarão partidas da Copa de 2014: Porto Alegre, Rio de Janeiro e Manaus. O resultado foi tristemente surpreendente.

Embora as três grandes cidades sejam muito diferentes entre si, constatamos um padrão de atuação do poder público municipal muito semelhante, no tocante ao planejamento das obras relacionadas aos eventos, às decisões que envolvem a remoção de populações, ao tratamento dispensado aos moradores, ao valor das indenizações (às vezes, como no Rio de Janeiro, inferiores a R\$ 15 mil!) etc.

Os repórteres também verificaram que o acesso ao “Minha Casa, Minha Vida” — programa que é, em princípio, uma interessante iniciativa do governo federal de combate ao déficit habitacional — vem sendo utilizado pelas prefeituras como moeda de troca, de modo que se tornou um instrumento “facilitador de remoções”, como definiu uma defensora pública que atua em favor das populações das regiões periféricas ameaçadas de expulsão. Vale a pena conferir, a partir da p. 16, o trabalho dos repórteres Daniel Cassol, Luiza Sansão e Paulo Roberto Ferreira.

## **Teatro de resistência à Ditadura Militar**

Nos anos 1960 e 1970, em pleno regime dos generais, estudantes da USP juntaram-se a artistas e intelectuais em torno de experiências como o TUSP, o Teatro Novo, o “Teatro-Jornal” e os grupos que atuavam em unidades específicas: Escola Politécnica, Escola de Engenharia de São Carlos, Faculdade de Direito. Surgiu também o Grupo Teatro da Cidade (GTC), ligado a Heleny Guariba e a alunos da Escola de Artes Dramáticas (EAD) que tinham em comum o fato de morar em Santo André. O repórter Eduardo Campos Lima traça um belo retrato dessa aventura coletiva.

## **Revitalizar a democracia!**

Convidada a comentar as grandes manifestações de junho e julho de 2013, a cientista política e professora Sônia Fleury não hesita em considerá-las um avanço do ponto de vista da democracia, pois colocaram em evidência pautas políticas que até então circulavam, segundo ela, em âmbitos mais restritos. Sônia, que foi uma das formuladoras do Sistema Único de Saúde (SUS), adverte, na entrevista concedida à jornalista Daniela Alarcon, à p.6: “A gente tem de rever o modelo de participação, porque a institucionalidade democrática [atual] não dá conta das prioridades da população. Temos que revitalizar a democracia”.

## **Iara Iavelberg, um perfil**

Quem foi Iara Iavelberg, a guerrilheira que se tornou um mito? Como se deu sua passagem, como aluna e depois professora, pelo Instituto de Psicologia da USP? A repórter Gabriela Moncau buscou as respostas nos depoimentos de parentes, como o irmão (e companheiro de militância) Samuel Iavelberg, e das amigas Tuta Magaldi e Maria Lúcia Carvalho. Apoiou-se também no livro pioneiro de Judith Patarra sobre Iara e em outras fontes. Não deixe de ler “Revolução e paixão na vida admirável de Iara Iavelberg”, à p. 61.

## **Queda de Cerri e Prêmio Herzog**

Alguns meses após a publicação da *Revista Adusp* 54, que revelou conflito de interesses na pasta estadual da Saúde, o professor Guido Cerri foi demitido e substituído por David Uip. Ambos pretenderam interpelar judicialmente nossa equipe, sem êxito (vide p. 94). Outra boa notícia é que o caderno “Subsídios para uma Comissão da Verdade na USP”, publicado na edição 53, recebeu menção honrosa do Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos.